



A História da Interpretação Bíblica Patrística e o Dialogismo de Bakhtin

*Aquiles Pereira do Amaral¹; Elisabete dos Santos Silva²;
Núbia Lafaete Santos Viana³; Gláucia Moreira dos Santos⁴*

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar de forma breve a história da interpretação bíblica no período chamado Patrística até o seu término por volta dos anos 604 da era cristã, bem como compreender os discursos da história da igreja na perspectiva do dialogismo de Bakhtin. Trata-se de uma reflexão teórica dividida nas seguintes seções: A exegese judaica; A exegese desse período da igreja primitiva e o Bakhtin e sua visão de dialogismo. Foi realizada leitura exaustiva e flutuante de artigos e livros encontrados com abordagens específicas sobre a temática. Conclui-se que, a história da interpretação bíblica mostra um período de grande perseguição e conflitos ideológicos, influenciada pelos pensamentos filosóficos gregos, a cultura judaica e suas mais implacáveis seitas (gnósticas) que no decorrer dos anos dos pais da igreja tentaram implementar outros conceitos contrários a fé cristã e comportamentos difusos e dissonantes com a proposta cristã da época. E na percepção de Bakhtin, o discurso de cada escola de interpretação bíblica é enviesado de sua práxis e não existe uma relação pura e única, tudo estava atrelada ao sistema social que envolvia cada autor. Os signos determinavam as suas percepções da realidade.

Palavras-Chave: Interpretação bíblica. Patrística. Dialogismo. Bakhtin.

The History of Biblical Patristic Interpretation and Bakhtin's Dialogism

Abstract: The article aims to briefly analyze the history of biblical interpretation in the period called Patristics until its end around the 604 of the Christian era, as well as to understand the discourses of church history in the perspective of Bakhtin's dialogism. It is a theoretical reflection divided into the following sections: Jewish exegesis; The exegesis of this period of the early church and the Bakhtin and its vision of dialogism. An exhaustive and fluctuating reading of articles and books was found with specific approaches on the theme. We conclude that the history of biblical interpretation shows a period of great persecution and ideological conflicts, influenced by Greek philosophical thoughts, Jewish culture and its most relentless (Gnostic) sects that over the years of the church fathers tried to implement other concepts contrary to Christian faith and diffuse and dissonant behavior with the Christian proposal of the time. And in Bakhtin's perception, the discourse of each school of biblical interpretation is skewed from its praxis and there is no pure and unique relationship, everything was linked to the social system that involved each author. The signs determined their perceptions of reality

Keywords: Biblical interpretation. Patristic. Dialogism. Bakhtin.

¹ Mestrando em Ciências da Educação pelo Instituto de Educacion Superior Kyre'y Saso. aquilesamaral2@gmail.com;

² Mestranda em Ciências da Educação pelo Instituto de Educacion Superior Kyre'y Saso;

³ Mestranda em Ciências da Educação pelo Instituto de Educacion Superior Kyre'y Saso;

⁴ Mestranda em Ciências da Educação pelo Instituto de Educacion Superior Kyre'y Saso.

Introdução

A interpretação bíblica no decorrer da história tem passado por várias transformações e influências. E nessa perceptiva fazer um estudo da hermenêutica bíblica é compreender o pensamento da formação intelectual da sociedade moderna e pós moderna. Define-se Hermenêutica como " a disciplina que lida com os princípios de interpretação... ciência da interpretação "(KAISER e SILVA, 2014, p. 15).

Conhecer o método correto da bíblia para sua compreensão é a diferença entre conhecer as suas verdades ou se torna um herege em suas crenças e atitudes. Mas, por que precisamos de hermenêutica bíblica? Porque a bíblia tem dupla aceitação, ele é entendido como um livro divino, mas um livro feito por homens. Um termo muito utilizado para o estudo da interpretação bíblica é a chamada exegese bíblica que consiste: Pressupõe que a explicação do texto envolveu uma análise cuidadosa e detalhada... esta análise deve "prestar atenção tanto na linguagem em que o texto original foi escrito quanto ao contexto cultural específico que deu origem ao texto. (KAISER e SILVA, 2014, p. 19.).

As chamadas heresias que marcaram o princípio da história da igreja, continuam sendo ensinados até hoje. Esses ensinamentos causaram: destruição, guerras, divisões, mortes, debates e prejuízos incalculáveis a raça humana, tudo isso teve seu princípio na má compreensão dos textos bíblicos, pouco conhecimento das línguas originais e pouco estudo.

O apóstolo Paulo em sua carta a Timoteo seu cooperador da seguinte advertência: " Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não têm do que se envergonhar que maneja bem a palavra da verdade" (2 Timóteo 2,15 Essa afirmação de Paulo demonstra sua preocupação com o estudo sistemático e o ensino era algo fundamental para propagação e da fé.

Estudar a caminhada da igreja durante os séculos mostra sua influência em várias áreas: Desde o relacionamento com a sociedade, passando com a participação com o estado, forma de governo, liturgia, sacramentos, bem como sua visão geopolítica, evangelização, exposição do texto bíblico, arte, entre outros. Estudar sobre a igreja cristã é contar a história da vida sobre várias narrativas. A interpretação bíblica é uma área importante nesse contexto histórico, pois determina a forma de pensar a vida e sua relação com o sagrado. Os seus dogmas marcaram o tema de debate nesse período inicial da igreja o chamado período Patrística. São três os dogmas mais importantes: A doutrina da Trindade, a doutrina da pessoa divina-humana de Cristo e a doutrina da graça.

Nesse sentido, o presente ensaio tem por objetivo investir em uma abordagem crítica e reflexiva através da apresentação da história da interpretação da igreja no período Patrística, até 601 da era cristã, bem como uma breve apresentação do conceito de dialogismo ensinado por Bakhtin. O artigo encontra-se estruturado nas seguintes seções: A história da interpretação bíblica, onde destaca a exegese judaica e sua forma de interpretação do velho testamento e sua visão sobre o novo testamento, a exegese dos pais da igreja primitiva e seus desafios e divisões com as duas escolas de ensino que se destacaram nesse período a escola de Alexandria, onde entendia que as escrituras deveriam ser interpretadas de forma alegórica, principalmente aquelas passagens mais difíceis de entender, em oposição a escola de Antioquia entendia que a para se interpretar a bíblia deveria ser de forma literal e histórica, preservando o sentido inicial do autor e seus ouvintes.

Por fim, destaca-se o pensamento de Bakhtin sobre dialogismo, onde explica que todo signo vem carregado de suas práxis, nenhum discurso é totalmente puro, assim identificado como um sistema de múltiplas vozes, interagindo em sua heterogeneidade, onde o enunciado de um é influenciado pelo seu semelhante. E todo discurso tem uma relação dialógica e ele vem atravessado pelo contexto social inserido.

História da Interpretação Bíblica

A exegese judaica

No decorrer da história um dos grandes desafios da humanidade é interpretar os textos bíblicos, suas histórias e seus ensinamentos têm marcado a sociedade por séculos. Mas, o que é interpretar o texto bíblico? A bíblia primeiramente deve ser interpretada pela própria bíblia, ou seja, os textos bíblicos são compreendidos por referências encontradas em outros textos correspondentes. Com isso, um dos mais importantes pressupostos para interpretação da Bíblia é se utilizar dos próprios textos para se alto ratificar.

Interpretar não deveria ser algo difícil, pois foram feitas por homens para a humanidade, homens esses inspirados por Deus revelando a sua vontade para o mundo. Existem várias questões que poderão ser levantadas com relação a isso, contudo será preciso primeiro entender os caminhos que levaram a ter um estudo sistemático das sagradas escrituras. Por ser um livro escrito em sua maioria por judeus, a tradição judaica começa a empregar métodos de interpretação a chamada Hermenêutica Judaica.

fazer uma distinção, entre dois sentidos do texto, o peshat, ou seja, o claro ou simples (dai o sentido literal e histórico) que significa a passagem bíblica; e o remaz, o sentido da lei mosaica e do halaká. Havia também o derush buscado das escrituras, isto é, o sentido alegórico expressado na forma de hagadof ou lendas. É dessa última palavra que se origina o substantivo midrash exegese. O quarto método usado na interpretação judaica era o sob o sentido místico ou cabalístico de uma passagem (KAISER e SILVA 2014, p. 202)

A teologia judaica era determinada por sua própria maneira de fazer teologia e o papel que ela desempenhava na comunidade. Com isso, existia formas mais comuns de aplicar a exegese bíblica.

A interpretação bíblica nesse período era dominada pelo conceito de Midrash (interpretação) na tradição das escrituras, que envolvia o estudo de um texto, incluindo seu conteúdo e propósito. Os rabinos que praticavam o Midrash pensavam que as escrituras precisavam ser totalmente coerentes consigo mesmas e inerrantes. À medida que o tempo passou, os rabinos passaram a acreditar que as escrituras continham diferentes níveis de significado, de modo que a mesma passagem podia significar várias coisas ao mesmo tempo (BRAY, 2017, p. 97).

Essa forma de interpretação era muito mais prático, ilustrativo e prático e por isso, o uso da alegoria, lendas e mais carregadas de histórias bíblicas com carga emocional era sobremaneira utilizada, essa era a visão do estudo homilético da bíblia

Com o passar do tempo essas distinções se tornaram mais profundas e só o sentido simples e literal não era aceito por todos os líderes e estudiosos das escrituras, uma forma oculta e mais difícil de compreensão estava presente em seus textos.

No período amoraita, aumentou a distinção entre peshat, ou sentido literal. Essa distinção não era feita no período tanaítico, em que os rabinos afirmavam que seus Midrashim meramente explicavam o verdadeiro significado literal do texto. É óbvio que, na realidade, grande parte do que eles diziam estava mais próximo de derash do que de peshat, e sempre havia um espectro de interpretação de difícil classificação. O Midrash rabínico, no afã de explicar o “significado mais profundo” do texto, explicar seus pontos obscuros e dificuldades e aplica-los à situação contemporânea, estava disposto a adotar métodos de interpretação que iam muito além do que o texto dizia, mas os rabinos pensavam estar apenas extraindo seu “significado claro” (BRAY 2017, p. 53).

Com isso houve no decorrer dos tempos na cultura judaica três escolas que se destacavam na interpretação bíblica. E apresentavam suas regras e tentavam em sua maioria alegorizar os textos bíblicos.

O rabino Hillel representou o primeiro a representar com as sete regras, tratava-se de um sistema lógico de regras de bom senso. Mais tarde, o Rabino Eliezer expandiu as regras de Hillel num conjunto de trinta e duas regras, incluído várias formas místicas para se obter o seu significado mais interior da escritura. Os essênios dos papiros do Mar Morto desenvolveram o método peshet, que transformava pessoas e acontecimentos em valores e significados contemporâneos pela simples determinação dos intérpretes. O terceiro grupo era composto por judeus da diáspora, sendo filo o

maior expoente e o que mais utilizou a huponeia, ou seja, a forma mais profunda das escrituras que poderia ser descoberto por meio da alegoria (KAISER e SILVA, 2014, p. 202).

Um exemplo importante e interpretação no início da era crista é a exegese utilizada pelo apóstolo Paulo que foi educado como ele mesmo afirma nas escrituras por Gamaliel em Jerusalém (Atos 23.3). Paulo emprega duas formas de exegese. Método Midrasb. Com o texto de I Co 10. Paulo apresenta sobre a pedra espiritual que acompanhava o povo de Israel na peregrinação do deserto. O principal conteúdo apresentado por Paulo nesse texto é que a pedra era o próprio Cristo. Com isso, quando Paulo argumentando dessa forma ele incorpora uma forma da exegese “midráshica” judaica. “Os rabinos judaicos notando que várias passagens bíblicas existiam a menção de água retirada da pedra ou rocha passaram a perguntar se essa pedra não era uma só pedra e concluíram que essa pedra era uma só pedra que acompanhava o povo no deserto.” (SCHOLZ, 2006, p.45).

E no método Peshet (interpretação), outro método exegético do, “isto é, aquilo” ou “isto cumpre tal passagem”. Paulo se utiliza desse método em ICo 10.4, onde a pedra era Cristo, como se lê estivesse dizendo “isso se refere a isto ou a estes”. “Este Jesus é a pedra rejeitada por vós, os construtores. At 4.11.” Essa forma de interpretação é a Peshet. (SCHOLZ 2006, p. 45)

A exegese dos pais da igreja primitiva

O período dos chamados pais da igreja, “esse termo pais foi dado na antiguidade para os grandes escritores e mestres” (MATOS, 2008, p.17). Existiam vários fatores que marcaram esse período da igreja, heresias, perseguições eram comuns entre as igrejas do primeiro século. Temas como trindade e a humanidade e divindade de Cristo marcaram os primeiros apologistas. E duas escolas se destacaram neste período. “A primeira delas foi a chamada tradição oriental ou grega, fortemente influenciada por conceitos filosóficos neoplatônicos e por uma abordagem mística da vida espiritual. A segunda foi a tradição ocidental ou latina, moldada por conceitos do direito romano.” (BRAY, 2017, p. 77).

Esse período pode ser dividido em quatro períodos: 1. Um estágio inicial que começa na época do novo testamento e se estende até cerca de 200, 2. o estágio Orígenes que começa em cerca de 200 e se estende até o primeiro concílio de Nicéia em 325, 3. O grande estágio conciliar, que começou no primeiro concílio de Niceia e se estendeu até o concílio de

Calcedônia 451, 4. O estágio conciliar final ou posterior, desde o concílio de calcedônia até a época de Gregório, o Grande (m. 604).

Estágio Inicial que começa na época do novo testamento até cerca do ano 200dc.

Nesse período não existiam comentários, pois as cartas estavam sendo escritas e a bíblia como conhecemos ainda não estava formada. O que existia “a homilia, ou sermão, um modo de discurso que existe até hoje e que foi popular em toda época patrística.” (BRAY, 2017, p. 78). E o que predominava era a literalidade do texto, até porque as cartas foram escritas predominantemente para seus contemporâneos. “Interpretavam o texto de acordo com seu sentido obvio, predominava uma interpretação essencialmente literalista, embora o estilo de sermão se prestasse à alegoria, sobretudo do tipo moralizante.” (BRAY, 2017, p. 78).

Um tema se destaca em seus sermões a figura de Cristo. Tentavam encontrar Cristo em todo velho testamento, por tanto uma inclinação teológica cristocêntrica.

A abordagem literalista reflete a influência do novo testamento, que interpretava o Antigo sob a perspectiva do cumprimento da profecia por meio de Jesus Cristo. A exegese crista nesse período se apoiava nessa mensagem “Cristo”, essa era o maior tema a ser estudado e ensinado pela igreja. Para se compreender as escrituras era necessário ter Cristo como referência. “desse período inicial produziu tendências de exegese tipológica e alegórica, mas de modo não sistemática... o fato o que dava unidade à sua exegese era Cristo sua pessoa e obra. (BRAY, 2017, p. 97).

Nesse período da igreja houve muita perseguição: física, teológica com várias interpretações e perseguição cultural. Com isso surge as chamadas heresias que dominaram todo início da igreja crista. Obrigando os apóstolos que estavam vivos a escreverem sobre esses temas e doutrinar a igreja na verdade ensinada por Cristo. A controvérsia começa pela própria cultura judaica com os Ebionitas. Entendiam que a lei dos judeus era a manifestação da vontade de Deus e sempre presente para o homem. Para eles Jesus era apenas o filho de José que obteve um certo grau de divindade, isso quando recebeu o Espírito Santo no batismo com João Batista. Aceitavam o evangelho de Mateus e rejeitavam o do apóstolo Paulo. Eles eram judaizantes dizendo que os gentios, bem como os judeus estavam sob o domínio da Lei de Moises e que não existia salvação fora dela. (CAIRNS, 2008, p.82).

Logo depois vem as chamadas heresias filosóficas que pretendia combinar o cristianismo com o paganismo, dando uma roupagem divina cristã. Vários grupos se destacavam nesse período os mais influentes foram o Gnosticismo por volta dos anos 150dc. “Paulo deve ter enfrentado uma forma insipiente de gnosticismo em sua carta aos colossenses.”

Existiam vários grupos nesse período, eram sem união e tinham ensinamentos diversos, mas

apresentavam uma cosmovisão única. A grande bandeira dos gnósticos era tentar explicar a origem do mal, ou seja, uma teodiceia. Eles entendiam que a matéria era má e buscavam criar uma filosofia, onde Deus seria livre do mal. Com isso a matéria era má e o espírito totalmente bom. Procuravam entender as leis da natureza por meio da lógica ou racional, tentando dessa forma encontrar o sentido da vida e da sua origem no universo. Os gnósticos tentaram entender todas as coisas mediante o pensamento cristão e a filosofia helenística. (CAIRNS, 2008, p.83)

A expressão gnôsis vem “conhecimento superior”, “onde Deus era totalmente distinto de sua criação e que o conhecer implicava em uma transformação mental e espiritual ao alcance somente dos eleitos” (BRAY, 2017, p. 79). Os Gnósticos também acreditavam. “A forma dualística de ver o universo era o principal modo de ver a realidade... defendiam uma separação entre um mundo material e espiritual, acreditavam que a matéria corrupta e totalmente má e o espírito em tudo que era perfeito e bom, com isso concluíram que Deus por ser um ser totalmente bom não poderia ter criado a matéria má, pois dele não pode advir alguma coisa ruim. (CAIRNS, 2008, p. 83). Os Gnóstico sobre Deus do velho testamento ensinavam esse vazio entre o mundo material e o espiritual só era preenchido pelo um deus menor o chamado “demiurgo”, esse deus era seres com menor espírito e maior matéria, mas por ter parte divina tinha poder em si para criar o mundo e toda matéria. Eles entendiam que Deus do AT era uma forma do deus demiurgo, onde tinha total antipatia. (CAIRNS, 2008, p. 83)

Sobre Cristo diziam que não poderia existir um espírito tão elevado dentro de um material corporal essencialmente má. Os dois não poderiam ter coexistido, ou se existiu temporariamente. Para compreender a emanção de Cristo, eles aceitaram o ensino do docetismo, onde entendiam: se a matéria era má Cristo não teve corpo humano. Um ser espiritual absoluto. Cristo e a matéria não se misturavam, ou seja, Jesus era um fantasma, parecido com um corpo material, ou até mesmo Cristo pode ter tomado forma humana por pouco tempo e então Cristo assim deixou o homem material morrer na cruz. O papel principal de Cristo nesse mundo era ensinar a gnose ou uma espécie de conhecimento único que tinha como finalidade ajudar o homem a obter a salvação por meio do seu intelecto. (CAIRNS, 2008, p.84)

Sobre como o homem, ou sua alma através do conhecimento poderia chegar à salvação diziam que para se salvar, não para o corpo e sim para a alma e o seu espírito, poderia começar com a fé, mas a gnose especial que Cristo comunicou a elite seria muito mais útil... como a matéria tinha um destino que era desaparecer, ele poderia ser mantido em sujeição por práticas ascéticas rígidas ou ser entregue a libertinagem. Quem chegaria ao céu era os gnósticos pneumáticos, eles possuíam gnose esotérica. Os hilicos jamais alcançariam o estado celestial,

uma vez que estavam destinados a perdição eterna. Não havia lugar para ressurreição do corpo. (CAIRNS, 2008, p. 84).

Um dos gnósticos mais proeminentes foi Marcião ele acreditava: “Que o Deus apresentado no AT era divinamente inferior ao Senhor Deus apresentado por Cristo no e sustentava que a salvação consistia na separação entre a alma e a matéria. E reduziu os livros canônicos aos livros de Lucas e Atos e as cartas paulinas.” (BRAY, 2017, p. 79).

A seita chamada Montanismo (155dc), da frigia. Montano seu fundador resolver um problema que era o formalismo na igreja e de sua liderança. Isso o levou a reafirmar a segunda vinda de Cristo e o ensino sobre o Espírito Santo. Contudo deixou levar pelo fanatismo e equivocadas interpretações. A cerca da inspiração humana, Montano se apresentou como advogado por meio do qual o espírito Santo falava para a igreja, se colocando no mesmo patamar de autoridade dos apóstolos e Paulo. Acreditava que o reino celestial de Cristo seria restaurado e ele teria um papel proeminente neste reino... tinha uma prática acética rígida, não permitindo novo casamento, muitos jejuns eram feitos; e a alimentação devia ser frugal. (CAIRNS, 2008, p. 87).

O estágio Orígenes que começa em cerca de 200 e se estende até o primeiro concílio de Nicéia em 325

A partir do início do segundo século inicia uma exposição bíblica mais sistemática na interpretação. Os comentários surgiram “no período intertestamentário, entre os críticos literários helenistas de Alexandria, e em sua origem foi aplicada aos clássicos da literatura grega, que interpretavam de uma perspectiva alegórica. “(BRAY, 2017, p. 99). Filo foi o principal expoente nesse tipo de interpretação, “Exerceu a exegese alegórica, com isso, os pais da igreja nunca se libertaram plenamente dessa tradição.” (BRAY, 2017, p. 99).

Filo tirou sua teoria de duas fontes “estoicas e platônicas”

Estoicos, obteve a ideia de que a filosofia se dividia em três partes: lógica, física e ética... a teologia tinha uma forte ligação com a ética... dos platonistas havia um contraste fundamental entre o mundo externo de sensação e desordem transitórias e o mundo interno de razão e harmonia imutáveis... Filo considerava as escrituras um livro codificado... uma linguagem simbólica... Rejeitava totalmente o sentido literal das passagens bíblicas que descrevias a Deus em termos humanos...rejeitava qualquer coisa que insinuasse uma diminuição da glória de Deus... Acreditava na totalidade das escrituras, incluindo a Torá, era profecia, que Deus havia inspirado ao possuir seus profetas e mensageiros escolhidos e falar por meio deles. (BRAY, 2017, p. 99).

Filo se utilizada da Septuaginta e acredita em sua inspiração. Os cristãos começaram a utilizar a interpretação alegórica para refutar Marcião que afirmava que os judeus

adoram um Deus moral que exigia sacrifícios e ordenava seu povo que matasse seus inimigos sem misericórdia (BRAY, 2017, p. 101). A cristandade procurava contrapor sobre isso dizendo que os textos ligavam um significado secreto e espiritual a algo igualmente inaceitável para eles... para se chegar a harmonia nos dois momentos do texto bíblico velho testamento e no novo testamento, foi para essa iniciativa que a alegoria teve sua maior utilidade”. (BRAY, 2017, p. 101).

Um personagem importante desse período foi Orígenes que desenvolveu uma teoria mais abrangente.

Orígenes defendeu que a autoridade do Antigo Testamento é confirmada por Cristo, de modo que toda a interpretação precisa ser essencialmente cristocêntrica. Ele entendeu que as escrituras têm três sentidos... corpo, alma e espírito... O primeiro sentido é o literal, destinado à mente não intelectualizada...O segundo é o sentido moral, que corresponde a vida da alma. O terceiro é o sentido espiritual, o mais elevado... o teoria (visão)... Era necessário que o leitor cristão da bíblia avançasse do sentido literal para o sentido mais elevado... “anagógicos” (conducentes). (BRAY, 2017, p. 102).

Para Orígenes a bíblia era “uma revelação divina oculta de modo humano. Os ensinamentos de Deus são absolutos e eternos... mas nossas circunstâncias são relativas” (BRAY, 2017, p. 102). Nesse sentido da relatividade para ele as escrituras “que ocultam a lei de Deus em acontecimentos humanos, são por vezes ambíguas e confusas para nós”. (BRAY, 2017, p. 102). Com isso a interpretação bíblica só mediante o espírito santo “erudição bíblica, pode fazer uso da chave das escrituras e torná-la passível de ser compreendida pela igreja. A primeira forma de se compreender as escrituras é que as partes mais transparentes das Escrituras são a base para a compreensão das partes mais difíceis.” (BRAY, 2017). Orígenes interpretava da seguinte forma:

O sentido obvio do texto é o que você lê...porque cria que Deus havia de fato interferido na história... Ele entendia que o sentido espiritual era um acréscimo ao literal, e não seu substituto... Às vezes, Orígenes usava três sentidos na mesma passagem... histórico... espiritualmente... e por fim, ele extrai a dimensão moral (representam virtudes e vícios). Às vezes, era possível haver mais de um sentido espiritual, como o Cântico dos Cânticos, em que o noivo e a noiva podem se referir tanto a Cristo e à igreja como à palavra de Deus e à alma do indivíduo. (BRAY, 2017, p. 103).

A influência de Orígenes na interpretação alegórica bíblica foi predominando por cerca de cento e cinquenta anos. Pela força de sua teologia. “Até mesmo Jerônimo, seu opositor mordaz, foi compelido a tomar a hermenêutica de Orígenes como exemplo e adaptá-lo a suas exigências” (BRAY, 2017, p. 103). Mas a forma de interpretação tem seus pontos positivos e negativos:

No lado positivo, ela enfatiza que as escrituras precisam ser abordadas espiritualmente e aplicadas de modo prático à vida do cristão. A bíblia tem que ser um livro que demonstre vida na igreja e não um registro histórico morto. Permitiu que a igreja se apoiasse de passagens bastante obscuras da Bíblia, que de outro modo ficariam sem utilidade. No sentido negativo, a alegoria extrai o texto da história. A alegoria incentiva um uso irresponsável do texto bíblico, permitindo interpretações fantasiosas. (BRAY, 2017, p. 103).

O grande estágio conciliar, que começou no primeiro concílio de Niceia e se estendeu até o concílio de calcedônia 451

Duas escolas de pensamento teológico marcaram esse período da interpretação bíblica, a escola de Antioquia e a escola de Alexandria. essas linhas teológicas no decorrer da história têm traçado o caminho de grande embate exegética nas igrejas até o dia de hoje. A exegese Alexandrina “Essa exegese foi caracterizada pela fidelidade a tradição origenista de exegese alegórica... acreditava que a doutrina oficial deve estar baseada somente no sentido literal... uma interpretação que fosse clara para todos.” (BRAY, 2017, p. 104).

Uma preocupação da igreja em seu início foi refutar as heresias e definir sua doutrina. “No terceiro século, Dionísio de Alexandria afirmou que as experiências humanas de Cristo devem ser interpretadas literalmente, por causa da realidade histórica da encarnação e de sua humanidade legítima.” (BRAY, 2017, p. 104)

Um dos primeiros pensadores dessa época foi Atanásio que desenvolveu uma hermenêutica sofisticada para responder à ameaça apresentada pelos arianos.

Atanásio... considerou a encarnação a chave para a compreensão das escrituras, apesar das dificuldades que ele tinha para aceitar as limitações da humanidade de Jesus. Para ele, a bíblia não era apenas uma estrutura linguística... mas a própria palavra de Deus em seu sentido literal (encarnado)... A inspiração das escrituras correspondia diretamente à encarnação de Cristo, e a relação de palavra e espírito era a mesma para ambos... Toda interpretação precisa ocorrer em um contexto, e para o cristão, esse contexto era a vida e a experiência espiritual da igreja... é necessário interpretar as escrituras de um modo que seja coerente com esse testemunho. Atanásio foi o primeiro exegeta cristão a situar a igreja com grande firmeza no centro da sua hermenêutica, e ainda hoje essa abordagem continua sendo a característica marcante tanto da interpretação católica romana quanto da ortodoxa oriental (Bray, 2017, p. 105).

Foi importante estabelecer os credos doutrinários da igreja para limitar interpretação alegórica, devido aos desvios exegéticos que cresciam nesse período da igreja, “ Uma vez que a doutrina da igreja estava estabelecida nos credos, era possível usa-los como regras para controlar a interpretação alegórica” (BRAY, 2017, p. 105). Um dos grandes dilemas da interpretação alegórica era os meios pelos quais se chegavam a essas alegorias. “as conclusões podem ser corretas, mas os meios pelos quais são extraídas são totalmente inaceitáveis.”

(BRAY, 2017, p. 105). O sistema das correspondências é a base para se entender o sistema alegórico de interpretação.

Tudo que acontece de forma análoga existe um correspondente espiritual, isso veio de Platão que entendeu o mundo em dois: o emblemático e visível e outro invisível. (KAISER e SILVA, 2014, p. 211)

A escola de Antioquia se apresentou como o oposto a escola de Alexandria (alegorica). Um de seu provável fundador “Luciano de Samosata” no terceiro século. Ele entendia que para se entender a bíblia deveria se utilizar de dois sentidos o espiritual e o literal. O seu Lema era *theoria* (ver). Os da escola de Antioquia lutavam para manter o sentido histórico e natural do texto bíblico. Se preocupavam com os extremos, acreditavam que se fosse assim se aproximavam muito do judaísmo. Somente a forma de *theoria* dava a verdadeira visão para interpretação bíblica. (KAISER e SILVA 2014, p. 213).

A de se destacar alguns pensadores proeminentes dessa escola: Dionoro de Tarso (394), “rejeitou a alegorização praticada em Alexandria e se limitou ao método histórico-gramatical. Seu principal interesse era expor o sentido que o autor original tinha em mente, em vez de encontrar significados ocultos no texto.” (BRAY, 2017, p. 106). E João Crisóstomo o único que sobreviveu à crise nestoriana, ele “detecta o sentido espiritual do texto bíblico em seu significado literal, em vez de alegórico, e por conseguir aplicá-lo às necessidades espirituais imediatas de seu rebanho.”. (BRAY, 2017, p. 106). Por fim os antioquianos entendiam que “*theoria* afirmava que os acontecimentos históricos eram indispensáveis como meio que Deus havia escolhido, para dar expressão à sua verdade eterna.” (KAISER e SILVA, 2014, p. 213). O objetivo principal da exegese era o “esclarecimento espiritual e doutrinário quanto os fatos históricos e filológicos.” (KAISER e SILVA, 2014, p. 214).

Outra escola se destacava a do Ocidente era mais eclética em seus métodos de interpretação. Os seus maiores expoentes foram: Hilário, Ambrósio, Jerônimo e Agostinho. Jerônimo muito conhecido por sua tradução da bíblia a “vulgata Latina”. Agostinho argumentava em favor de sentido quadruplo das escrituras: “histórico, etiológico (origens e causas), analógica e alegórica.” (KAISER e SILVA 2014, p. 214). E Agostinho adotou a regra de Ticônio e fez algumas modificações.

A autoridade das escrituras está fundamentada na autoridade da igreja... Os pontos obscuros das escrituras foram nelas colocados por Deus e podem ser interpretados com base em muitas passagens claras... Quando as escrituras são ambíguas, é possível usar a regra da fé para interpretá-las... Passagens figuradas não devem ser compreendidas literalmente... Uma figura não precisa sempre ter somente um

significado... Qualquer significado possível que um texto possa ter é legítimo, que o autor o conhecesse, quer não. (BRAY, 2017, p. 108).

O estágio conciliar final ou posterior, desde o concílio de calcedônia até a época de Gregório, o Grande (m. 604)

No final do período patrística os métodos exegéticos alegóricos já estavam bem estabelecidos. “A interpretação alegórica de Orígenes, era a norma em quase todos os casos. A influência de Agostinho no Ocidente era onipresente, e sua autoridade era aceita sem questionamentos.” (BRAY, 2017, p. 110).

Gregório, o Grande foi um dos que insistiu na interpretação histórico ou literal e como fundamento para “elaboração da tipologia e da alegoria moral”. (BRAY, 2017, p. 110).

Uma seleção canônica da exegese patrística para benefício de geração futura... sua convicção de que as escrituras são um espelho da alma. Ao ler a bíblia, o cristão aprende, com base no modo como Deus lidou com os santos, como ele lida conosco. Os exemplos as escrituras nos apresentam estão ali para nos ensinar quais são nossas qualidades e defeitos, de modo que possamos crescer em fé e amor, em humildade e em segurança espiritual. (BRAY, 2017, p. 111).

Essa interpretação pessoal foi uma marca da espiritualidade medieval.

1. Bakhtin e sua visão de dialogismo em Análise do Discurso.

Bakhtin apresenta sobre os discursos que “todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicas” (FIORIN 2018, p. 21). O conceito de diálogo está, por sua vez, diretamente interligado à noção de dialogismo, ou seja, é uma das formas importantes da comunicação socioverbal. É uma relação que não se exclui mutuamente; pelo contrário, se complementa. Então, a teologia bíblica e seus intérpretes no decorrer da história se comunicaram através dos seus escritos e sermões, fortalecendo assim as suas ideologias. Para o círculo a palavra ideologia tem como apresentar o homem e seu espírito universal ou seja, seu espírito sua cultura imaterial. Ela também engloba a arte, ciência, filosofia, religião, ética, política entre outros. Pode então ser definida como qualquer manifestação superestruturais. (FARACO, 2017, p. 46).

Sendo assim toda manifestação teológica implica em uma manifestação ideológica. Para Bakhtin todo enunciado é sempre fruto de uma ideologia, pois esse enunciado se dá nessa esfera ideológica e porque existe sempre uma expressão avaliativa, com isso não existe enunciado neutro, todo enunciado trás uma posição axiológica, inclusive a própria retórica na neutralidade. (FARACO, 2017, p. 48).

Sendo assim, a discursão entre as escolas de teologia no início da igreja primitiva tinha em seus discursos de interpretação bíblica na perspectiva alegórica de Alexandria e literalista de Antioquia um viés ideológico que perpassava a esfera tão somente espiritual, mas sim uma esfera intelectual, racional, não existindo neutralidade em seus discursos.

Para Bakhtin os estudos de linguagem têm em sua origem os contextos históricos e culturais que fazem parte de sua práxis. Dentro desse contexto o primeiro objetivo na vivência humana, em seu contexto histórico, culturais, torna na sua prática são em essência atravessadas por idiossincrasias já formalizadas e com certeza por uma ética. (BRAIT, 2006, p. 09)

Veja o destaque sobre a linguagem em Bakhtin os termos idiossincrasias institucionais, pois toda atividade intelectual em sua essência vem carregada de envolvimento históricos e culturais, não existiu neutralidade. Para Bakhtin a linguagem se torna metalinguagem, onde as relações dialógicas são extralinguísticas, só existe sentido para a linguagem na “comunicação dialógica” e toda vida na sua atividade prática, cultural, econômica ou religiosa está repleta de intenso dialogismo. E todas essas manifestações da metalinguagem que ultrapassam o sentido da linguagem são observadas no campo do discurso. Com isso o dialogismo nada mais é que extralinguística, mas não no discurso. Para se ter comunicação dialógica basta se utilizar dela. Todas as formas de comunicação em seu cotidiano, sua prática, ciência ou artes estão envolvidas em dialogismo. Essas relações se colocam no ramo do discurso, pois faz parte de sua natureza dialógica e esse sistema só pode ser estudado pela Metalinguística. (Brait, 2006, p. 11).

É fundamental destacar que o discurso não tem como referência o ser interior apenas ou o exterior e seus fatores externos. (BRAIT, 2006, p. 12). Todas as partes são importantes no processo dialógico. “É a bivalência de dialógica, situado no objeto e na maneira de enfrentá-lo, que caracteriza a novidade da Metalinguística e se suas consequências para o estudo da linguagem.” (BRAIT, 2006, p. 12).

Para o universo “ideológico” possui significado, logo um signo, para isso sem signo não existe ideologia, portanto “o universo da criação ideológica é fundamentalmente de natureza semiótica” ou pode afirmar que “um produto da criação ideológica é sempre um signo.” (FARACO, 2017, p. 48).

Assim podemos identificar o signo: como sistemas sociais, ou seja, ela se encontra no processo das relações sociais. Os signos por sua vez se manifestam não somente em indivíduos isolados, fisiológicos e psicológicos, ou sistemas abstratos formais. Mas sua significação emerge através dos processos sociais globais lhes dando assim sua significação (FARACO, 2017, p. 51).

Para tanto a interpretação bíblica tem seus signos, ou seja, não é um sistema isolado, mas sim um sistema complexo e intercâmbios sociais. Por isso “só ocorrem semioticamente mediadas... vivemos, de fato, num mundo de linguagens, signos e significações.” (FARACO, 2017, p. 49).

Para Bakhtin não existem relações humanas diretas, por isso mediadas, o real nunca nos coloca de forma direta e clara, “o dado puro não pode ser realmente experienciado” (Faraco, 2017, p. 48). Para ele os discursos, “qualquer palavra (qualquer enunciado concreto) encontra o objeto a que ele se refere já recoberto de qualificações, envolto em uma atmosfera social de discursos, por uma espécie de aura heteroglóssica (por uma densa e tensa camada de discurso).” (FARACO, 2017, p. 48).

Já que não existem palavras puras e diretas, mas se dá sempre “obliquamente”, as “nossas palavras não tocam as coisas, mas penetram na camada de discursos sociais que recobrem as coisas.” (FARACO, 2017, p. 49). Com isso “que os signos não apenas refretem o mundo (não são apenas um decalque do mundo); os signos refratam o mundo.” (FARACO, 2017, p. 49).

As palavras vêm cheias de significados, e refletem as suas relações sociais, que por sua vez penetram o seu discurso. Para tanto os signos refretem e refratam o mundo. Quer dizer: “com os signos podemos apontar para uma realidade que lhes é externa (para a materialidade do mundo), mas sempre fazemos de modo refratado.” E refratar significa: “que os nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (refrações) desse mundo.” (FARACO, 2017, p. 51).

Como Bakhtin apresenta a construção da história, por visões múltiplas, cheias de significados, e que não existem verdades absolutas, essas verdades são apenas um reflexo, refratado dos signos sociais. Para tanto a interpretação bíblica apresenta esses discursos, ensinado pelos seus grupos sociais e cada um com seus signos, refratado e refratando seu mundo na construção do conhecimento e exegese bíblica: Os grupos humanos enxergam diferentes formas a realidade. Por causa da sua práxis se tornam heterogêneos e atribuem novos e vários sentidos ao mundo, refratando assim e materializa e se cruzam no mesmo material semiótico. (FARACO, 2017, p. 52).

O dialogismo para Bakhtin pode ser assim identificado como um sistema de múltiplas vozes, interagindo em sua heterogeneidade, onde o enunciado de um é influenciado pelo seu semelhante: O dialogismo por sua vez é um forma de linguagem, é em suma o início do

enunciado, pois todo enunciado se constitui mediante outro enunciado e por isso, uma réplica de outro enunciado. Por isso nele se constitui mais de uma voz, mesmo se não há manifestação da voz no discurso, todos estão presentes. A heterogeneidade é sempre presente no enunciado, em razão ou oposição a que se constrói. Para tanto no enunciado dialógico se apresenta seu direito e seu avesso. (FIORIN, 2018, p.27).

Considerações Finais

A interpretação bíblica no decorrer da chamada igreja primitiva, passou por vários desafios, dentre eles a perseguição por causa de sua fé. E as doutrinas que faziam parte da vida da igreja estavam sendo atacadas, por isso exigiu dos estudiosos bíblicos a correta interpretação e ensino dos textos sagrados. Essas múltiplas visões e formas de interpretações não podem ser desvinculado do contexto social de perseguição, ataques filosóficos das seitas gnósticas, montanistas, dualistas entre outros eram constantes.

O ensino bíblico feito na Igreja tinha como alvo primário sustentar os dogmas eclesiásticos. As escolas que mais se destacaram nesse período inicial da igreja foram as escolas de Alexandria entendiam que a bíblia poderia ser ensinada de forma alegórica, esse método de interpretação foi predominante nos sermões apresentados nesse período. Outra escola como oposição a essa forma de interpretação foi a de Antioquia, acreditavam que a bíblia deveria ser interpretada de forma histórico-gramatical, onde se deveria identificar a intenção do autor, seus fatos históricos e seu público de origem destinatários dos escritos.

Esses dois sistemas de interpretação (alegórico, histórico-gramatical) são apresentados hoje. A forma alegórica é o método mais utilizados por vários segmentos da religiosidade no Brasil. As igrejas utilizam essa forma de interpretação serve para justificar suas doutrinas, sermões, atitudes e liturgia. O ensino histórico-gramatical hoje tem permanecido e mantido sua história e tenta combater essa forma alegórica que predomina no ensino das igrejas na atualidade.

E na percepção Bakhtiniana o discurso de cada escola de interpretação bíblica é enviesado de sua práxis e não existe uma relação pura e única, tudo estava atrelada ao sistema social que envolvia cada autor. Os signos determinavam a suas percepções da realidade.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. Ed. revista e atualizada no Brasil, São Paulo: Vida, 2005.

- Brait, Beth. **Bakhtin: outros conceitos-chave**/ Beth Brait, (org.). – São Paulo: Contexto, 2006.
- BRAY, Gerald. **História da Interpretação da Bíblia** – São Paulo: Vida Nova, 2017.
- CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos** – São Paulo: Vida Nova, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.
- FIORIN, J. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo. Contexto. 2018.
- KAISER, Walter C; Moisés Silva. **Introdução à Hermenêutica Bíblica**. São Paulo. Cultura Cristã. 2014.
- LOPES, Augustus Nicodemos. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- MATOS, Alderi de Souza. **Fundamento da Teologia Histórica**. São Paulo. Mundo Cristão. 2008
- SCHOLZ, Vilson. **Princípios da Interpretação Bíblica: introdução a hermenêutica com ênfase a gêneros literários** – Canoas. Ulbra, 2006.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

AMARAL, Aquiles Pereira do; SILVA, Elisabete dos Santos; VIANA, Núbia Lafaete Santos; SANTOS, Gláucia Moreira dos. A História da Interpretação Bíblica Patrística e o Dialogismo de Bakhtin. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Maio/2020, vol.14, n.50, p. 1071-1086. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 11/05/2020;

Aceito: 20/05/2020.